



A Guerra que Pretória nos move



A Pátria não tem preço. O Povo moçambicano suportou 10 anos de Luta Armada. Suportou seis anos de provocações e agressões rodesianas. Suporta agora uma guerra não declarada movida pela África do Sul que usa, como seus marionetes, bandos armados que arma, treina e infiltra no país. Esta a crua realidade deste Sétimo Aniversário da Independência Nacional, Vigésimo da heróica Frelimo. A Pátria, não tem preço e por isso, uma vez mais, moçambicanos de todas as províncias estão dispostos a morrer por ela para fazer da República Popular de Moçambique uma Nação Socialista.

Analisemos a questão:

Texto e Fotos:
Jacinto Khossa

O Povo moçambicano desde a Independência que tem vindo a fazer face a uma guerra não declarada que lhe é movida de forma directa ou indirecta, pelo regime racista e minoritário da África do Sul.

Através da Rodésia de Ian Smith, o regime de Pretória perpetrou ataques a objectivos económicos no nosso País. Praticou actos dos mais bárbaros.

Já no declínio do regime de Ian Smith, Pretória criou grupos fantoches que, sob a capa de um pseudo-movimento de «resistência» iria continuar a acção dos soldados rodesianos e sul-africanos que, então participavam directamente nos massacres contra o nosso Povo.

É assim que surge o chamado «Movimento Nacional

de Resistência», braço do exército sul-africano, para dar continuidade às agressões contra o nosso País. Através destes bandos, o regime do apartheid ataca e saqueia as povoações, rapta e mata elementos da população. Incendeia aldeias, sedes do Partido, com o objectivo de desestabilizar o nosso País e impedir o avanço da nossa economia.

Actos de verdadeiro vandalismo são o trilhito que os bandidos armados deixam na sua passagem. Sangue, luto e lágrimas é a semente que a África do Sul lhes manda espalhar no nosso País. Homens, mulheres e crianças são barbaramente massacrados.

Os depoimentos que passamos a transcrever são ilustrativos:

Chamo-me Rossina Bande Chitlango, desconheço a minha idade (deve rondar entre os 55 e os 60 anos). Eles chegaram de manhã. Encontraram-nos sentados em frente da casa. Perguntaram ao meu marido onde é que se encontrava o meu filho. Também quiseram saber se ele mandava cartas. O meu marido disse que não. Disseram que ele estava a mentir e obrigaram-no a acompanhá-los até dentro da casa. Revolveram tudo mas não encontraram nada. Perguntaram-lhe depois pelos cabritos

e ele disse que não estavam lá em casa. Disseram para que lhes acompanhasse até ao sítio onde se encontravam. O meu marido disse-lhes que não podia satisfazer o que lhe estavam a exigir porque estava doente, para além de que os cabritos se encontravam muito longe da nossa casa. Disseram que para eles a doença dele tinha pouca importância. Obrigaram-no a acompanhá-los. Saí com eles. Mas antes de se afastar muito virou-se para nós e disse que não tinha a certeza se voltaria naquele dia,

porque o sítio para onde o obrigavam a ir era muito longe.

Aquele foi o último dia em que Rossina Bande Chitlango via o seu marido com vida.

Anoiteceu sem que ele tivesse voltado. Preocupados, saímos então à sua procura. Guiámo-nos pelas pegadas, mas quando chegámos no sítio onde entraram para o mato ficámos sem mais pista. Regressámos a casa. No dia seguinte fomos informar os vizinhos mais próximos de que o nosso marido não aparecia. Com eles e mais outros



As cinco viúvas do malgrado Simbine Zuka Manganhe



Mário Simbine — Determinado a continuar a luta

Ao lado: Rossina Bande Chitlango — Um rosto sulcado pelo sofrimento

familiares do nosso marido reiniciámos a busca. Encontrámo-lo um pouco mais à frente do sítio onde havíamos interrompido a busca no dia anterior. Estava morto! Vários ferimentos em diversas partes do corpo lhe tinham tirado a vida. Tinha a garganta rasgada e alguns dedos da mão cortados. O filho estava ausente. Em casa só nós as mulheres é que estávamos presentes. Eles mataram o nosso marido porque não quis dizer-lhes onde é que se encontrava o filho que é

milícia e também porque se negou a mostrar-lhes onde estava o gado.

SEMEANDO ÓDIO

Sinto-me chocado, mas não será por isso que deixarei de cumprir a minha missão de defender o meu Povo. É verdade que agora, com o assassinato do meu pai fiquei com dupla responsabilidade. O meu pai tinha 5 mulheres e deixou, para além de mim, 19 crianças. Todos estes ficam à minha responsabili-

dade. Mas continuarei a lutar e não só tenho que os combater por aquilo que me fizeram, mas também por aquilo que fazem a outras famílias. Não sou o único nestas circunstâncias. Lá onde me encontrava a trabalhar vi outros lares destruídos. Se eu desistisse, a morte do meu pai não teria significado, era como se tivesse sido eu a matá-lo — quem assim nos fala chama-se Mário Simbine, filho primogénito da viúva Rossina Chitlango e do malgrado Simbine Zuka Manganhe. Tem 26 anos de idade e é miliciano.

Quando falámos com este jovem, no fim do seu depoimento, não encontramos palavras para dizer, mas à medida que fomos vivendo a realidade de Mabote, começámos a encontrar no rosto de muitas pessoas o rosto do Mário. Começámos a ouvir o Mário a falar pela boca dos demais camponeses. Em cada cidadão, em cada milícia encontramos a mesma determinação, o mesmo ódio.

Logo que eu ficar bom e tiver a minha arma, esses «Matsanga» não-de-me conhecer — é Daniel Jossias Manhique quem fala. Tem 31 anos de idade. É natural da povoação de Chicaiane. — Eu e a minha mulher estávamos a lavar



14 dos 19 filhos do velho Simbine Zuka Manganhe

quando de repente começámos a ouvir as armas a disparar contra nós. Peguei na minha mulher e fugimos. Então uma das balas atingiu-me na cabeça, mas já estou quase bom.

«Pelo cão se conhece o dono». Com este adágio, um miliciano quis-nos dizer que os bandidos armados não eram os «donos da causa». Ele diria mais adiante que, quando foi das agressões do Ian Smith estes bandidos atacavam-nos aqui em Mabote, integrados no exército do Smith. Hoje Smith está arrumado, então foram vendidos os dentes à África do Sul. E a mim morderam-me na perna, mas já estou bom e quando acabarmos os treinos hão-de ver...

Estávamos a construir a Sede do Partido. Eles chegaram, mas foram detectados a tempo. Enquanto procurávamos abrigo, caí uma vez quando eles começaram a disparar. Levantei-me. Corri um pouco e voltei a cair por ter sido atingido por duas balas. Tomaram-me por morto. Quando me levantei já lá não estavam e a Sede tinha sido destruída — testemunha Reginaldo



Daniel Jossias Manhique — «Logo que eu ficar bom e tiver a minha arma esses «Matzanga» hão-de-me conhecer»



Em cima:
Reginaldo Johannis
Chitlango
— «Quando acabarmos
os treinos hão-de ver»

Johanisse Chitlango, casado, de 31 anos de idade, camponês.

Esta é a semente plantada pelos lacaios da África do Sul.

CHICHONGUE FOI INCENDIADA

Foi no dia 31 de Março deste ano que recebemos a informação de que os bandidos tinham sido vistos lá para as zonas de Cumane, pelo que devíamos estar vigilantes. Mas como era noite ficámos sem saber o que havíamos de fazer. Resolvemos esconder as nossas coisas e sair da aldeia para o

Simião Jossias
— «A população está
desejosa de se vingar
de tudo aquilo
que sofreu»

mato. Fomos dormir no mato. Na parte da manhã, por volta das 6.00 horas começámos a ouvir disparos. Os bandidos tinham chegado e como não encontrassem ninguém descarregavam a sua fúria sobre os cabritos, galinhas e patos e sobretudo que lhes aparecia à frente.

Não registámos baixas. Só um milícia é que foi ferido, mas um ferimento ligeiro. Eles fizeram muitos estragos. Os bens da população foram destruídos. Panelas roubadas, bois e cabrito. As máquinas de coser eles pegavam nelas e atiravam-nas para dentro das casas em chama. Roubaram também mantas, capulanas e roupas

António
Johanisse
Sumbane
— «Queimaram
os meus
cadernos
juntamente
com a roupa
dos meus pais»



Esforço de anos destruído num só dia. A dor e o ódio que os bandidos semelam

versas. A população está muito tristonha e está desejava de se vingar por tudo aquilo que sofreu. De entre as casas queimadas uma era a minha — este depoimento foi-me concedido no local pelo camponês Simião Jossias, de 28 anos de idade, milícia de Chichongue.

Na aldeia de Chichongue vivem cerca de sessenta famílias. Destas, pelo menos dez ficaram sem as suas casas.

Nesta aldeia, a barbárie atingiu pontos que só encontram paralelo no procedimento de bestas drogadas: Um quadro da escola, onde as crianças aprendiam a dominar a ciência, foi crivado de balas. Um tambor que era utilizado para as danças foi transformado num pasador. Um livro de leitura rasgado à baioneta e espetado num cajueiro! A casa onde funcionava a sede

do GD foi destruída. Alguns pés de mandioqueiras que começavam a desabrochar foram espezinhados.

O livro pertencia a uma criança de 11 anos de idade. Chama-se António Joanisse Sumbane. Não sei como que é que vou fazer para estudar — disse — Rasgaram o meu livro e queimaram os meus cadernos juntamente com a roupa dos meus pais.

A destruição desta aldeia comunal, não surge por acaso. Ela é obra de planos friamente concebidos. Porquê? A resposta não pode ser outra: As aldeias comunais são, a par dos grandes e pequenos complexos industriais, objectivos económicos onde se constrói o futuro da nossa Nação socialista. Porque as aldeias comunais são Unidades

Destruição na aldeia de Chichongue: A marca da Qulzumba



de Produção, como uma fábrica ou um complexo mineiro e o seu desenvolvimento e consolidação significa a médio e longo prazos um progresso económico um avanço que nos tornará auto-suficientes, no campo do abastecimento. É isto que a África do Sul racista quer boicotar. Mas não é só por isto. Há outras razões a acrescentar às causas da guerra não declarada que Pretória nos move. O regime do apartheid pretende que a RPM seja um «mau exemplo», um exemplo de fracasso para assim poderem passar o atestado de incapacidade ao nosso sistema socialista.

Uma outra razão a acrescentar às causas da guerra que Pretória nos move, destaca-se o facto de a República Popular de Moçambique ser membro da SADCC, instrumento de libertação económica ao nível desta zona do nosso Continente. Não foi por acaso que, em plena realização da reunião dos ministros de finanças dos países membros da SADCC, a África do Sul realizou acções de sabotagem à ponte sobre o Rio Púnguè e sobre as bóias de sinalização no porto da Beira. Pretória está apostada em provar que nenhum estado africano pode atingir a independência económica sem o seu auxílio. Pretende coagir os Estados do subcontinente a aderirem ao seu plano de «Constelação de Estados da África Austral». É por estas e por outras razões que o regime do apartheid nos move esta guerra não declarada. Mas nela haverá apenas um vencedor: NÓS!

□